

ATRIBUNA

JORNAL DEDICADO AOS INTERESSES MORAES E MATERIAES DA PROVINCIA

Assinatura mensal 18000

N.º avulso 250 reis.

TYPOGRAPHIA E REDACÇÃO—RUA DOUS DE DEZEMBRO N.º...

ANNO V.

CUYABÁ, 26 DE MAIO DE 1880.

N. 184

RESENHA DA SEMANA

Criança morta.—Está no domínio publico de que na manhã de 23 do corrente foi encontrada morta na rua da Emancipação do lado do morro, uma criança do sexo feminino, de-côr branca.

Atribue-se ter sido a morte natural pela deformidade notada na cabeça da mesma criança, e que o seu abito não alligaria talvez o fructo de um crime.

Partida.—Para S. Luiz de C.ceres, onde se acha estacionado o seu batalhão, seguiu no dia 22 do corrente o nosso amigo tenente Joaquim Innocencio de Oliveira, é quem desejamos prospera viagem.

Aniversario.—Fêz annos no dia 19 do corrente o nosso sympathico e estimado amigo alferes Evaristo Virginio da Silva, negociante desta praça.

Felicitando-o por esse fausto motivo, almejamos-lhe o registro por dilatados annos de tão sorridente data, accedido de todos os commodos e prosperidades a que tem direito pelas suas eminentes qualidades.

O Patriota.—Recebemos da cidade de Santos dois numeros d'O Patriota, pequeno jornal que alli se publica sob

a direcção do sr. Felix Carneiro e redacção de diversos.

Pequeno pelo tamanho mas grande pela idéa que advo-ga, que é a da pura democracia, O Patriota é assaz recommendavel e merecedor do apreço dos bons brasileiros.

Agradecemos a remessa dos dois exemplares promet-tendo retribuir a visita do collega enviando «A Tribuna».

Garrafa-lampada.—O PAIZ de 11 de Abril ultimo, referindo-se ao facto de em Corumbá servir-se o vigario da parochia de um fundo de garrafa como lampada do altar, assim se exprime:

«Um facto recente escandalizou em Corumbá as forças de terra que alli estão sob o commando do general Deodoro da Fonseca.

Em um dos domingos em que a tropa e o seu estado-maior foram, como de costume, assistir ao sacrificio da missa conventual, officiaes e praças tomaram-se de estupefacção diante da lampada improvisada para illuminar o altar do Santissimo Sacramento.

Um fundo de garrafa branca, suspenso por barbantes, continha a luz triste e amortecida que aclarava o Senhor e symbolisava em toda a plenitude ou a desidia com que são tratadas alli as cousas da

religião, ou a veneração que tem o vigario da parochia pelo culto primitivo.

Bem sabemos que Deus vê corações, mas não attenta para luxos exteriores do seu culto.

Christo, o leuro e philosopho nazareno, mesmo dirá o vigario, deu as mais exuberantes provas de humildade e pobreza; mas é certo que o estado mantém um culto seu e elle deve estar acima da toda a irrisão.

O gen. ral Deodoro mandou retirar a garrafa-lampada, e, no correr da semana, em nome de sua exm. esposa offereceu uma lampada á igreja parochial.

O vigario, porem, que celebra missas de chinellos, e com meias de côr duvidosa, no domingo seguinte fez collocar no altar do Santissimo Sacramento um outro fundo de garrafa, para provar que elle as tem vazias e em maior numero do que o offertante da lampada.

Do fim desta ninguém conhece, dizem-nos em carta de alli; mas, da primeira garrafa, que tanto escandalo causou á força do exercito, podemos dar noticia, expondo-a hoje em nosso salão.

Chapa senatorial mineira.

—Diz o Diario de Noticias que está definitivamente organix

sada a chapa senatorial mineira do partido conservador para a eleição que vai se proceder para preenchimento da vaga do senador Evaristo Ferreira da Veiga.

Compõem-se ella dos srrs. Drs. Barros Cobra, Carlos Peixoto e Horta Barbosa.

Escola militar.—Foi no mesado lente cathedrático da 1.ª cadeira do 2.º anno da escola militar da corte o tenente coronel do corpo de engenheiros Dr. Manoel Peixoto Cursino do Amarante. Decreto de 26 de Abril ultimo.

Melhoramentos do Rio S. Francisco.—Foi nomeado 1.º ajudante da commissão de melhoramentos das obras do R. S. Francisco, o conductor João Felix Peixoto de Azevedo, natural desta provincia.

Idolatria Japoneza.—Os japonezes tem um modo muito especial de orar ao deus Budha no templo de Hioto. O deus acha-se exposto á adoração dos fieis dentro de uma grade de ferro. Os que vão orar mascam as folhas de um livro de orações e quando o papel está bem macerado atiram no contra o idolo, através das grades; se acertam, a oração serão ouvida; se as grades interceptam o projectil, é mau signal. A's vezes Budha desaparece debaixo de uma capa de papel mascado.

A vaia.—Lê-se no *Patriota* da cidade de Santos.

« A proposito da manifestação de desagrado que o povo de Santos e de toda a provincia fez ao conde d'Eu, os *societários* delicados encontraram-se offendidos e com os olhos fitos nas ergias do po-

der recolhram-se contrictos ao silencio covarde, rosando somente, junto aos ouvidos principescos a sua carcata indignação.

Incontestavelmente Paris é a moderna capital da civilização; entretanto, esse immenso fóro de luz diariamente esdala os feticheos tartufos com ruidosas manifestações de desagrado.

Desde os grandes treidores até o idolo Buiangar tem sido seguidos pelo humorismo popular, que é modernamente a arma por excellencia de que o povo lança mão para desmoralisar os especuladores politicos.

Dizem uns tantos brasileiros que tem por patria o estomago que isto é grosseria; será, mas eu prefiro imitar o glorioso povo francez, vaiando os principes pescadores de aguas turvas, que especulam até com a peste, a seguir os servis que tem bastante amor a pelle e á barriga para deixarem á margem o brio e a dignidade.

Os medicos do rei, enquanto os enfermos se extorciam em dores horribis, habiam *champagne* á saúde da familia privilegiada.

O conde d'Eu é recebido ao estrondear de vinte e uma salvas e ao toque das cornetas policiaes e o povo, que vê seus irmãos extorrendo a terrivelagonia produzida pela febre amarella, devia curvar a cabeça servilmente ante a figura antipathica do um avarento sem patria?

Não; e por isso é preferivel estar junto desse povo brioso a applaudir esses miseraveis que tem por patria—o estomago.

TRANSCRIPÇÃO.

Do « Oasis ».

O padre Aureliano Pinto Botelho subjogado pelo Sr. bispo de Cuyabá.

Ainda que tomados de grande pesar, por professarmos a religião de Jesus Christo continuarmos, pelo dever de consanguinidade, a tratar das injustiças de que tem sido victima o padre Aureliano, por D. Carlos Luiz de Amour, na qualidade de Bispo, que nesta Diocese deve ser o fiel depositario dos sagrados Evangelhos, e não um transgressor de preceitos Divinos e perseguidor dos seus subalternos, faltando-lhes a caridade e fraternidade.

Tratamos hoje da suspensão de ordens do padre Aureliano, dada sem outra razão mais que o capricho cobardemente exercido contra um subordinado infelizo, sem meios para reagir.

Para essa suspensão, o sr. Bispo pretextou a não communicação do Diaccono Aureliano á igreja. Pais bem!

No mesmo caso que o dito Aureliano, temos o Protonotario Apostolico Padre Ernesto Camillo Barreto, que igualmente não comparece á igreja por não ter nella beneficio e o sr. Bispo não o tem suspendido correccionalmente de ordens como o fez áquelle Diaccono, deixando deste modo, transparecer seu injusto acto nascido do odio que vota ao mesmo!

E' mais um martyrio, é mais uma falta de caridade do sr. Bispo revelada pela desigualdade na distribuição da justiça, irmão e ao proximo!

Ninguém que observa o procedimento do sr. Bispo, duvida que o facto de s. exc. relevar aquella falta continua do padre Ernesto seja em attenção as posições pecuniaria e social que a este tornam independente de qualquer oppressão e o collocam em condições superiores as do padre Aureliano, pobre homem

que luta com difficuldades para manter uma vida parca.

A humilde posição deste, na triste contingencia de dependência do Pastor, que procede em opposição as boas normas do Divino Mestre para com os Apostolos, e que em vez de s. exc. lançar ao padre Aureliano consolação e as dores, e perdão aos erros, derrama-lhe toda billa de um odio antigo; essa posição do mesmo padre é uma das circumstancias de-favoraveis que o cercam e lo impedem transpôr o muro para collocar-se no lugar co' direito e qualidade de occupar o sã incontestaveis.

Outra circumstancia igualmente adversa, que hade sempre oppor-lhe o desejo de ordenar-se de missas, é a de ser brasileiro e filho da provincia, muito embora conhecido e conhecido de todos que sua conducta não é latente.

Nestas conjuncturas, e, sobretudo, porque o padre Aureliano é da raça dos cuyabanos cujo dogma não tem flexibilidade bastante para fazer agachados e cujo caracter não é de enganar Bispo, nem a ninguém, por meio de baixas manobras, para chegar aos fins desejados, nunca pois, será Presbytero.

Se o padre Aureliano fosse um padre Berros, que soube insinuar-se no animo do sr. D. Carlos Luiz de Amour, para passallo documentos falsos por validos, os quaes s. exc. tomou por legaes, com quanto não estivessem authenticados pelo consul brasileiro, e, sem mais cerimonia, o ordenara de missas; se o padre Aureliano fosse um profano e tão esperto qual o padre Berros, estaria hoje sacerdote mesmo como este conseguiu sel-o, sob o cortejo de escandalos.

Mas, não; bem longe está o espaço que media entre o estrangeiro esperto, suspeito, e o Diacão brasileiro, conhecido e de bons costumes.

Este, principalmente se é um cuyabano, emparelhado com aquelle, não ordena, embora pre-

parado ha muitos annos, tendo o mais custoso que é o patrimonio, e nem se lhe dá demissoria para outra Diocese, ao passo que um saltibanco, um individuo explorador, desconhecido de todos, esse é recebido sem escrúpulo, e admittido com carinho no clero cuyabano pelo chefe respectivo como aconteceu com o tal Berros!!

Dar-se-hia o caso que taes actos virgens nos annos do Papado desta provincia, tivessem sido praticados por ignorancia do sr. Bispo? Impossivel, como impossivel é tal os feito pelo entusiasmo da creença na infallibilidade tradicional na cabeça da Igreja Romana, de *obedecer os Bispos de qualq'ue ord. ou prelado, por elles committido!*

Nem tão pouco é possivel que esse procedimento de D. Carlos, fosse na esperanca daquella impunidad dos crimes que assegurou L.ão IV a todos os Bispos.

Sabe s. exc. que estamos no seculo XIX, no papado de Leão XIII, longe do seculo daquelle Papa, cuja Bulla, por consequencia, é nulla e s. exc. não deve crer que vigore ainda, que lhe faculta o absolutismo daquelle epocha.

Se o sr. D. Carlos suppõe vaidosamente que possui a infallibilidade de outr'ora e poder da elevação e de aferrar ao chão e ao desprezo, quando queira, os que estão sob sua escota, como fez com o padre Berros e com o padre Aureliano, abatendo este e elevando aquelle; se s. exc. pensa que hoje todos creem que seus feitos são obras de Deus e que devem dar graças á Elle pelos absurdos e erros dos Bispos, e ao mesmo tempo guardar silencio sobre as praticas de injustiças de s. exc., a filha querida de sua vontade, neste ponto sua convicção se engana e lhe mente.

Peccaríamos todos contra Deus, contra o direito social e criminal se continuássemos calados diante dos consecutivos actos que temos presenciado o sr. Bispo praticar e que para mera-

lidade e tranquillidade do clero! preciso ir sendo postos em relevo fazendo ver que cá não ha concelhos nem se admitta que hajam conciliabulos.

O seculo actual está immensamente distante do em que predominou a vontade de Innocencio III, monstro voraz que estabeleceu o tribunal da INQUISIÇÃO, mandando a S. Domingos, munido de poderes, perseguir pelo ferro e fogo os desgraçados Vandezes.

H je ninguém consente que se agarre uma imagem representando Christa, nem mesmo um idolo da figura do diabo, para impôr o respeito e a obediencia por meio da carnificina.

H je não se faz 60:000 cadáveres para redazir os á cinzas, como aquelles que ficaram sepultados sob as ruínas da cidade de Buziers.

E, portanto, fóra do absolutismo de Innocencio III, de Gregorio IX, de Raymundo VIII, de Paschoal I, de Estevam III e outros, não devemos guardar certas conveniências com aquelles que não as guardam para com todos e que quantos mais erros e injustiças commettem, mais se desvanecem da pratical-os.

Pouco a pouco iremos revolvendo as epochas anteriores que são de algum modo, a consequencia do sentimento de perversidade que se arraigou do intimo de algumas potestades ecclesiasticas.

E com quanto o que deixarmos dito não attene os soffrimentos que, para satisfação do sr. D. Carlos Luiz de Amour, tem o padre Aureliano suportado calado, cerca de 12 annos, o que ficar registrado para memoria, servir-nos ha de consolo.

A posteridade hade saber que em todo esse periodo de doze annos, em quanto o sr. Bispo, do solio episcopal frui as glorias das regias pompas de alta jerarchia e disfructava os rendimentos da insaciavel mitra, o padre Aureliano se extorcia na mendicidade, victimado pelo sr. da

Amour, por que não soube manobrar com sagacidade, a consciência de s, exci., qual soube o padre Berros.

Quem mandou o padre Aureliano ser tolo de alistar-se no quadro eclesiástico, não tendo certeza de gozar ao menos da liberdade do vaqueiro ou do roceiro inculto, não possuindo indole dos padres Berros?

Foi o destino, essa força natural e invencível que arrasta á todos ás vicissitudes e as glórias da vida, uns por uma, outros por outra forma, quem o enveredou á carreira ecclesiastica.

Assim é que o padre Aureliano na inexperiencia e innocencia do bello tempo dos 15 annos, anoderado do somno da illusão, avistou em sonho no governo de D. José Antonio dos Reis, um paraíso terrestre na classe ecclesiastica e, *in bona fide* entregou-se a ella, em corpo e alma.

Mas oh! decepção horrivel quando acordou desse lethargo.

Foi já depois da morte daquelle virtuoso Prelado; foi no tempo de D. Carlos Luiz de Amour que o padre Aureliano despertou-se e viu o abysmo crivado de cardas, em que cahira!

Ah! que arrependimento e tristeza!

Se aquillo sonho fosse Constantino II e o padre Aureliano podesse ser Estevão VI que foi eleito Papa no meio de ter rível carnificina, e que mandou arrancar a lingua e os olhos do mesmo Constantino, seu contendor, então mandaria sacrificar o mentiroso sonho que o arrastou á ser ludibriado por D. Carlos perante o clero e o povo cuyabano.

Secção Recreativa

Dialogo na rua.

—Porque anda de luto, minha boa amiga?

—Por um parente afastado.

—Alguns tio ou primo?

—Não: foi meu marido quem morreu.

—E então chama parente afastado ao seu esposo?

—E' que elle estava na Russia

MOTTE.

*Bem pôde brincar commigo,
Mas não metta a mão no seio
Pra não ir depois dizendo
Tal quo sim, que foi, que veio!*

GLOZA.

Tem voce sempre uns mysterios!
Seus brinquedos com a gente...
Não seja tão imprudente!
Quer brincar, brinque mais serio,
Olhe que o seio é um imperio;
Tem suas leis, seu castigo
Para evitar o perigo...
Ou mesmo brincar sem medo...
Sem violar o segredo—
Bem pôde brincar commigo.

Diz você tal que é parente.
Mas tenha alguma cautella!
No seio de uma donzella
Dorme quieta uma serpente,
Si na mão cravar-lha o dente
Não diga que enganellou,
Acho bom tenha receio...
Pôde brincar com to-nara,
Pegar-me pela cintura,
Mas não metta a mão no seio.

Não quero ser orgulhosa,
Com voce brinco também,
Brinquedos que os vendo alguém
Não me chame desbriosa;
Mas si acaso a mão teimosa
Pra meu seio for estendendo
Desde já fique sabendo,
Com voce eu fico mal,
Antes crave me o punhal!
Pra não ir depois dizendo...

Por esta vez voce passa,
Perdou-o e que agora fez,
Vamos brincar outra vez,
No seio não quero graça,

Q que eu fizer voce faça.
Mas si ainda n'este meio
Sua mão cá do meu seio
Eu tiral-a excommungando,
Não vá depois resmungando,
Tal que sim, que foi, que veio!
(Extr.)

E digam que vale pouco,
nas actives condições,
ter um salão como o nosso
Pra fazer exposições!

Vão ver hoje com que apuro
a industria trabalha já
pelos obscuros recantos
da esquecida Corumbá.

Lampada cara, de luxo,
dá mais luz, porém abafa,
do Santissimo sacrario
basta um fundo de garrafa

Assim lá pensa comsigo
de Corumbá um vigario,
e das garrafas que esgota
faz lampadas pra o sacrario

Progresso! progresso enorme
terra de invent. s gigant. s,
Corumbá faz lamparia:
de castiças de estudantes!

Se pega a moda, veremos
que hade caber ao Brazil
a gloria de fazer pies
Com qualquer simples barril

E se o progresso caminha,
muito em breve as sacristias
perguntarão por cartazes:
« Quem tem garrafas vasias? »

(D'O Paiz)

ANNUNCIO

«AFOZA»

Compra-se o romance completo sob a denominação supra por Joaquim Manoel de Macedo.

Quem o tiver e quizer vender dirija se á esta typographia.